

O que é Psique

Por Olavo de Carvalho

Introdução	1
1. A Questão da Definição da Psique	1
2. Perguntas Colocadas para a Elaboração do Conceito de Psique	3
3. As Quatro Causas	3
4. A Definição de Psique	4
5. A Distinção entre Psique e Acaso	4
6. A Psicopatologia.....	5
7. Características da Psique.....	6
8. Processos de Atuação da Psique.....	7
9. Vontade de Poder	7
10. O Processo de Adaptação da Psique.....	8
11. O Processo de Aprendizagem da Psique.....	9
12. Consciência	9
13. Autolimitação da Psique e o Ego	9
14. As Noções de Inconsciente	11
15. Resumo e Conclusões	12

Introdução

A idéia de vida e de alma era muito intensificada na psicologia antiga para a qual a vida humana era uma das manifestações da vida em geral.

A direção que a psicologia moderna tomou, insiste muito mais na diferença específica do humano em relação às demais formas de vida.

A psicologia moderna se desenvolveu no sentido de uma independência em face de sua raiz biológica, ou seja; a tendência é de se destacar cada vez mais a psicologia da biologia, a biologia da química e esta da física.

A tendência antiga era justamente o contrário, isto é, insistia numa visão unificada, numa tendência de juntar tudo isso numa única linha.

Desde que a psicologia moderna, a partir do séc. XIX, começou a fundar e assentar seus primeiros pilares, ela o fez sempre partindo da investigação de algum fenômeno particular. A explicação da natureza da psique, bem como sua definição é inédita, sendo uma análise realizada por mim desde o início da formação da ciência da Psicologia.

1. A Questão da Definição da Psique

Diz-se que a Psicologia moderna, científica começou com Gustav T. Fechner¹ e W. Wundt², conforme se lê em todas as histórias ou manuais de Psicologia.

¹ Gustav Theodor Fechner (1801-1887). Nasceu em Ndlasitz, iniciou seus estudos em Leipzig aos 16 anos de idade e permaneceu aí toda sua vida.

² Wilhelm Wundt (1832-1920). Estudou Medicina em Tübingen e Anatomia, Fisiologia, Química e Medicina em Heidelberg. Deixou da Medicina para dedicar-se à Fisiologia. Seu livro "Contribuições para a Teoria da

O interesse fundamental destes autores, particularmente, o de Fechner era o estudo da percepção. Fechner, levando mais adiante a investigação deste tema, aprofundou-o. Seu interesse principal consistia em saber onde termina o fisiológico e começa o psicológico.

Fechner achava que poderia estabelecer este ponto, estudando a relação entre o estímulo de uma percepção, a intensidade deste estímulo e o tempo de retenção da imagem da retina. Sendo o estímulo o mesmo (como no caso da lâmpada de um flash), existe uma diferença de tempo de retenção e essa diferença está condicionada à atenção.

Em seus experimentos Fechner era tanto o pesquisador como a cobaia, pois pensava que se um outro fosse informá-lo o momento em que a imagem desaparecia da retina, transcorreria um certo tempo e isso dificultaria a medição.

Fechner acreditou que poderia estabelecer uma equação matemática que expressaria a relação entre o fisiológico e o psicológico; assim: os estímulos crescem em proporção geométrica e as sensações em progressão aritmética, portanto, a relação entre ambos é representada por uma curva logarítmica, ou seja, as sensações são proporcionais ao logaritmo dos estímulos que as geram. A lei matemática ficou, então, assim:

$$S = C \log E$$

Dois exemplos facilitarão melhor o que ele quis expressar:

Se acendermos mais uma vela num quarto onde há somente uma outra vela acesa, o aumento da iluminação provocará uma percepção mais sensível do que se acendermos uma vela num quarto onde já haja outras dez velas acesas.

Ou

Percebemos muito mais o aumento de poucos gramas de peso carregando dois pacotes leves, do que o aumento de poucos gramas de peso carregando duas malas muito pesadas.

Seja como for, constatamos que um fenômeno particular atraiu a atenção de Fechner, assim como se deu com Wundt, W. James e Ribot cujo interesse dominante era o fenômeno da atenção; ou seja, todos esses pesquisadores estudavam a psicologia a partir de certos fenômenos, ou melhor, a partir de certos aspectos da vida psíquica tais como a percepção, a memória, a atenção, a associação de idéias, a fala etc..

Com a psicanálise surgiu uma nova linha de investigação, que iria estudar o desenvolvimento temporal do indivíduo, propondo uma psicologia evolutiva das emoções, buscando explicar como vão então se formar os grandes quadros emocionais do indivíduo a partir da sua biografia. Contudo, toda esta investigação está centrada em torno de um fenômeno em especial, o fenômeno da neurose, isto é, é a psicologia enfocada sob o ponto de vista da psicopatologia.

Assim, pelo fato de todos estes psicólogos terem partido de um fenômeno particular para estudar a psicologia, obviamente as definições que nos dão de psicologia e de psique estão, todas elas, coloridas por este tema inicial da investigação. Além do mais nenhum deles colocou questões como: *existe psique? o que é psique?*

Atualmente, contentamo-nos com dois tipos de definição de psique: as clássicas, tomadas de Aristóteles ou da Escolástica que são, portanto, anteriores ao desenvolvimento da psicologia moderna e, as definições por enumeração.

Quando perguntamos a um psicólogo moderno o que é psique ele nos responde designando fatos psicológicos: a memória, atenção, fala, desejo, intenção etc., raramente nos responde com uma definição, mas sempre com designações enumerativas, isto é, enumeram vários elementos que fazem parte da psique, o que, evidentemente, permite a distinção daqueles que não fazem.

Percepção Sensorial" (1858 e 1862) ao lado dos ELEMENTE de Fechner (1860), é considerado o marco que assinala o nascimento literário da nova ciência.

Contudo, não se fica sabendo se esta enumeração está completa, ou se, por outro lado, não entram nesta enumeração alguns elementos que são de ordem extrapsicológica (fisiológica, físicoquímica, neurológica e outros).

2. Perguntas Colocadas para a Elaboração do Conceito de Psique

Para a elaboração/construção do conceito de psique, parti das seguintes indagações:

Quando o psicólogo usa o termo "psíquico", o que exatamente ele está querendo dizer? Qual é a intenção subentendida, mesmo obscuramente, na sua mente? O que ele tem em mente? Como é que ele sabe se uma coisa é ou não psíquica? Embora dizendo não saber exatamente o que é psíquico ou que esta é uma coisa quase impossível de ser claramente definida, ele nunca erra, nunca trata de outro assunto. Embora dizendo não saber definir a psique, de alguma forma parece sempre estar sabendo do que se trata, não de maneira reflexiva, mas de maneira empírica, usual, costumeira.

O que o psicólogo quer dizer quando atribui a um determinado comportamento uma causa psíquica? Quando diz que tal ou qual ato é psíquico? Ou seja, o que quer dizer quando atribui a um ato, a um comportamento, a uma resposta humana, uma causa psíquica? Onde ele localiza esta causa psíquica dentro de uma constelação de outras causas possíveis? E que outras causas um ato humano pode ter?

Resumindo, conclui que não há nenhuma causa para estes atos que não possa ser classificada dentro do quadro de causas físicas, lógica, do acaso e psíquicas (psicológicas).

3. As Quatro Causas

3.1. *Causa Física*

Dizemos que a causa é física quando, por exemplo, alguém encosta a brasa do cigarro na ponta do dedo e o braço recua, ou seja, o sujeito é impelido a fazer isso por uma necessidade física, tanto é assim que até uma ameba faria o mesmo. A causa deste ato não pode ser dita psicológica. Ou: quando alguém lhe empurra, você perde o equilíbrio e cai.

3.2. *Causa Lógica*

Ao pagar a tarifa de ônibus, o sujeito dá ao cobrador duas notas de R\$ 1,00 e não uma de R\$ 1,00. Se perguntarmos ao sujeito porque ele não deu apenas uma nota de R\$ 1,00, ele diz que a tarifa custa R\$ 1,10 e R\$ 1,00 não cobre esta tarifa. Tal ato também não pode ser dito psicológico, uma vez que obedece a uma norma que é idêntica e a mesma para todos os seres humanos. Qualquer um, na mesma situação teria de fazer mais ou menos a mesma coisa, a não ser que esteja impedido de fazê-lo por alguma outra causa, essa sim poderíamos classificar como sendo psicológica.

Todas as ações que são baseadas em motivos lógicos evidentes para qualquer ser humano, não podem ser ditas como tendo sido causadas psicologicamente, pois são causadas por alguma coisa que está, evidentemente, para além da psique. Ao fazer a conta $2+2$, obtenho o resultado 4, que não foi determinado por mim, pois não se trata de algo psicológico, e sim da estrutura do próprio número. Tal como o teorema de Pitágoras: "o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dois catetos". Não se chega a esta conclusão por um motivo psicológico, ela nos é imposta pela estrutura do triângulo retângulo.

Atos lógicos são aqueles que obedecem a uma necessidade que não é impositiva como a necessidade física, mas que é livremente aceita pelo indivíduo, ou seja, não há nada que o force desde dentro ou desde fora, a aderir a uma conclusão lógica.

Não é nem o caso de não se conseguir chegar à uma conclusão lógica, é o caso de aderir a ela. Santo Alberto Magno já dizia que "as pessoas completam o silogismo mas ele não as convence".

A partir do momento em que a necessidade lógica é aceita, o sujeito se submete a uma ordem de causas que já não é mais psicológica.

Evidentemente, há um elemento psicológico na raiz da aceitação do comportamento lógico. Mas o comportamento em si mesmo não é mais psicológico, o que está fora de dúvida, ele é intelectual no sentido em que ele capta uma exigência ontológica, algo que está para além do indivíduo, para além de sua psique.

3.3. *Acaso*

Seguindo o mesmo exemplo acima, esta terceira ordem de causas pode se dar quando o sujeito coloca a mão no bolso e puxa uma nota qualquer e coincide de essa nota ser de valor superior ao valor da tarifa. Isto não tem uma causa física determinada, pois acontece por uma combinatória aleatória de uma infinidade de causas a que chamamos "acaso", pelo fato de não conseguirmos reconstituir toda a cadeia causal. É evidente que para que o sujeito pegasse esta nota e não outra, esta mesma nota tinha de estar em cima das outras, a que era mais fácil de se pegar porque foi para aonde a mão se dirigiu etc.. Alguma causa tem, contudo, há um complexo de causas tão inesgotável que, fazer uma pesquisa a este respeito, tentando remontar toda a cadeia seria um trabalho tão exaustivo com um resultado tão irrelevante, que dizemos ter sido o acaso que determinou este ato.

O acaso não é propriamente aquilo que não tem causa, mas o que tem uma multiplicidade de causas, sendo que algumas podem ser físicas, outras psicológicas, isto é, trata-se de uma constelação irreconstituível de causas.

4. A Definição de Psique

Saindo dessas três ordens de causas, dizemos que o ato teve uma causa psicológica. O mais característico da causa psicológica é que ela sempre age através das outras três e nunca diretamente.

Define-se, então: *a psique é uma zona de indeterminação onde o homem combina as causas de ordem física, lógica e causal.*

5. A Distinção entre Psique e Acaso

Fica claro, nesta definição, que a psique comporta um elemento de liberdade, de indeterminação, surgindo, desta constatação, a seguinte pergunta: *sendo assim, em que a psique se diferencia do acaso?* Entendemos que na psique as coisas não se passam segundo uma ordem de necessidade, como na esfera física e lógica (necessidade = aquilo que não pode não ser), mas segundo um quadro de indeterminação que faz com que a psique se assemelhe ao acaso; ou seja, a psique é um fenômeno que pertence à ordem da liberdade e da indeterminação e não à ordem da necessidade.

A diferença específica que permite distinguir a psique do acaso é que, embora ambos combinem as necessidades físicas e lógicas, a psique as combina de uma maneira eficiente, isto é, em proveito do interesse de um determinado organismo individual.

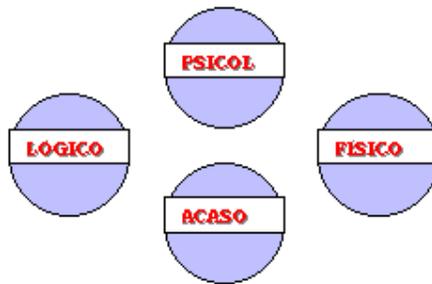
Portanto, a psique é como se fosse uma causalidade eficiente, ou seja: é uma liberdade ou indeterminação dentro da qual podem se combinar, até certo ponto, as causas físicas, lógicas e o próprio acaso *no sentido do interesse do organismo individual.*

6. A Psicopatologia

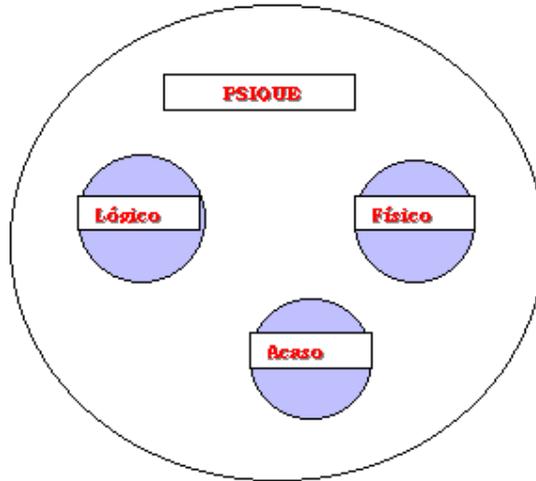
Neste ponto da investigação surge a seguinte questão: Se a psique *sempre* opera no sentido do interesse do organismo, como se explica a psicopatologia? De maneira muitíssimo simples, no caso da psicopatologia, a psique retroage, recua, abandona ao domínio da necessidade física, ou do acaso, ou da lógica, um terreno que normalmente ela já teria conquistado. Existem doenças da psique mas elas não estão propriamente dentro da esfera da psique, mas representam uma retração, uma diminuição da esfera psíquica, algo como uma entrega, abdicação da liberdade do campo psíquico para outras causas.

É muito fácil perceber que, nos doentes mentais, os processos mentais automáticos (que, neste caso, serão colocados sob o rótulo da necessidade física) têm um domínio muito maior sobre a totalidade da conduta, do que no indivíduo sadio. Considerando o automatismo como necessidade física, se ele toma a dianteira, há, portanto, um recuo da psique.

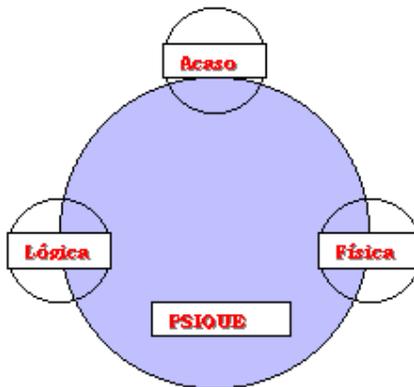
Do mesmo modo, em certos processos esquizofrênicos, quando a conduta lógica toma a dianteira, isto é, quando o sujeito é dominado por uma lógica implacável, há uma perda da liberdade, no sentido de recuar de uma cadeia lógica, quando ela leva à conclusões que violam a integridade do organismo, como, por exemplo, no estado de catatonia, em que o sujeito não reage mais ao raciocínio lógico; sua psique vai se fechando, se retraindo, de maneira que o sujeito fica totalmente impedido de reagir, ou seja, fica num estado de paralisia que é de ordem lógica. Pode-se, então, fazer a seguinte representação:



Este diagrama expressa somente as causas quando vistas de fora; mas quando, observando o comportamento de um indivíduo, perguntamos pela sua causa, olhando desde dentro, este diagrama ficaria um pouco diferente, porque dizemos que a psique, por sua própria natureza, tende a açambarcar, a comer uma parte da zona dos outros três domínios. Idealmente o novo diagrama ficaria assim:



A psique abarcando a totalidade das causas físicas, lógicas e do acaso, conseguindo dominá-las todas, no sentido do interesse do organismo individual. Isso idealmente, porque, na realidade, chega-se a um acordo entre as duas representações, e o novo diagrama, representando tal acordo, ficaria assim:



Percebe-se que há uma zona de interceptação: a psique domina uma parte das necessidades lógicas, uma parte das necessidades físicas e uma parte do acaso. Ela atua, age, se transforma em conduta somente nesta zona de intersecção. Assim, o que se mantém puramente psíquico, mantém-se puramente potencial.

Entende-se então, que a psique, por sua própria natureza, é uma potência (potência = conjunto mais ou menos indefinido de possibilidades) e ela somente se atualiza através de causas físicas, lógicas e do acaso.

7. Características da Psique

A psique tem, então, as seguintes características:

1. *Eficiência*
2. *Liberdade*
3. *Criatividade*

4. *Vontade de Poder*

5. *Individualidade*

Quanto ao atributo *individualidade*, reitera-se o que já foi dito, isto é, a psique (em condições normais) age sob o interesse do organismo individual, daí esta característica que lhe confere o atributo da individualidade.

Não existe *psique em si*, só conhecemos psique condenada num organismo individual: a psique de um homem, a psique de outro homem, a psique de uma planta, de um animal; assim como também não se pode falar de *vida em si*, pois não existe vida a não ser nos organismos viventes individualizados. Vida não é como se fosse "energia", podemos conceber energias disseminadas e situadas num espaço onde não haja nenhum ser individual. Podemos, por exemplo, compreender que esta sala é atravessada por correntes de energia o tempo todo, mas ela não pode ser atravessada por "vidas" ou "psiques" neste mesmo sentido.

Isso nos lembra a frase de Goethe: "A natureza parece ter apostado na individualidade"³(*).

8. Processos de Atuação da Psique

O processo pelo qual a psique domina, abrangendo as causas que lhe são externas, particularmente, a causalidade física, já se observa no mais elementar período de aprendizagem. Por exemplo, quando uma criança começa a aprender a andar, estabelece-se uma relação entre o seu peso, a força muscular e a gravidade, o que pode ser facilmente reduzido a uma equação mecânica clássica.

Ao aprender a andar, a criança está submetida a uma necessidade física externa, na medida em que vai aprendendo, ou seja, que introjeta a relação entre seu peso, a gravidade e a força muscular, ela passa a antecipar a queda e, assim, evitá-la, de maneira que apesar de a lei física que governa a queda ainda estar presente, deixou de operar fisicamente e passou a operar psiquicamente. A psique, então, se antecipa à determinação física e, de certo modo, passa a contorná-la no sentido do interesse individual.

Todo processo de aprendizagem de qualquer atividade física sempre se dá pela antecipação de uma necessidade, de uma resistência do mundo, sendo essa resistência, então, contornada através da antecipação. A resistência é contornada mas continua vigorando, como se a necessidade, que limita a ação do organismo, fosse em seguida usada por esse mesmo organismo no sentido do seu interesse.

Com a necessidade lógica se dá o mesmo, certas coisas que nos são impossíveis logicamente, nos oferecem resistência. Na medida em que aprendemos as fórmulas dessas necessidades lógicas, nós as introjetamos e passamos, então, a contorná-las, no sentido em que se não nos é possível fazer determinada coisa de um jeito, fazemos de outro.

E, finalmente, tentamos driblar o próprio acaso, no sentido em que, o sujeito cuja psique está funcionando num nível ótimo, consegue até mesmo ter sorte, como se tivesse driblado o acaso. Sorte e azar são os dois nomes do acaso, então, dribla-se o acaso no sentido do interesse da psique.

9. *Vontade de Poder*

Quanto à *vontade de poder*, na falta de um termo melhor, seguimos a Nietzsche, isto é, quanto mais territórios a psique domina, mais ela quer dominar. A psique é expansiva por sua própria natureza.

³ A afirmação: "Sie scheint alles auf Individualität angelegt zu haben" (aparece no fragmento intitulado "Die Natur").

A característica expansionista da psique é obtida por meio de uma contração, por mais paradoxal que isso pareça; ou seja, a psique adquire poder na medida em que se *conforma* com a necessidade física, lógica e com o acaso, aprendendo a contorná-los. Consegue isso quando introjeta o conjunto de determinações (dados pelas leis e possibilidades daquelas necessidades) que a cercam, fazendo desse conjunto um conteúdo dela mesma ao se adaptar às formas do mundo físico, das estruturas lógicas do mundo, bem como às determinações do próprio acaso. Assim, na medida em que se contrai para se adaptar, é que a psique se expande e adquire poder de ação sobre o mundo exterior e interior, inclusive.

10. O Processo de Adaptação da Psique

Essa adaptação da psique requer, em primeiro lugar, o concurso da percepção e da memória. No momento em que a memória entra em cena, pela retenção das experiências vividas e pela abstração que se realiza a partir dela (processo de generalização), o conjunto dessas abstrações e generalizações vai constituindo uma espécie de depósito, que se organiza segundo um quadro lógico na cabeça do indivíduo, formando sua imagem do mundo.

No entanto, o indivíduo não só organiza sua experiência logicamente, como também *cronologicamente*, ou seja, ele conta sua própria história, sabe o que lhe aconteceu. Por exemplo, o sujeito age hoje com determinado objetivo e se não conseguir realizá-lo hoje, amanhã ele se lembra de que tentou e falhou, e tenta novamente, ou então muda sabendo que mudou e porque o fez. É como se ele fosse anotando tudo o que lhe acontece bem como as decisões que toma, colocando em linha seu desenvolvimento histórico. A isso se chama *Ego*.

Então, a psique - não esquecendo que é sempre psique individual - expande-se para agir no mundo, para adquirir poder de ação no mundo na medida mesma em que retrai suas possibilidades. Vimos que a psique é inicialmente um conjunto de possibilidades indistinto, solto, caótico e, quando essas indefinidas possibilidades vão sendo limitadas (vão sofrendo certas determinações) é que surgem realizações possíveis, atos possíveis.

Essas possibilidades vão sendo cortadas abandonadas, na medida em que se percebe que elas são incompatíveis com as necessidades lógicas, físicas e com o acaso, (que é o conjunto das condições presentes, que existem num determinado momento e que não podem ser fechadas dentro de um quadro delimitado, ou seja, o acaso está sempre em haver). Por exemplo, a criança que desiste de voar, ou que adia uma coisa difícil como, por exemplo, vê uma piscina e acha que pode entrar e já sair nadando como todo mundo, entra na água, se afoga e precisa ser retirada. Ela percebe, então, que tal ato é um pouco mais complicado do que tinha imaginado e desiste de nadar pela força do pensamento positivo ou se retrai, ficando traumatizada e nunca mais vai querer nadar, ou ainda, decide humildemente aprender como as demais pessoas. O que a criança fez, então, foi fechar uma porta a uma possibilidade que, naquelas condições presentes, não podia se realizar no plano da necessidade física, mas somente do plano da psique enquanto potência (no caso, possibilidade futura). Vê-se que, enquanto potência, a psique é destinada a não se realizar nunca.

Em relação à essas necessidades (lógicas, físicas) pouco importa se elas nos chegam por experiência direta ou através de aprendizagem. Por exemplo, a criança que aprendeu que não dá para sair voando: se este aprendizado se deu por uma tentativa frustrada ou se aprendeu seguindo o sábio conselho de sua mãe, tanto faz. Em ambos os casos, trata-se de uma limitação que lhe foi imposta. Neste caso, é fácil perceber que o aprendizado que não foi obtido por experiência própria, abrevia o sofrimento, ou seja, quanto mais for capaz de aprender com a experiência do outro, mais rápido aprende e quanto mais precisar repetir a experiência, menor é o rendimento do aprendizado.

11. O Processo de Aprendizagem da Psique

O processo de aprendizagem consiste numa adaptação da psique às necessidades lógicas, físicas e do acaso. Essa adaptação se realiza pela introjeção das impossibilidades, ou seja, o indivíduo percebe que nem todas as coisas que limitam a sua ação são aleatórias, que há *impossibilidades repetidas*. Algumas são captadas da própria necessidade física, outras são abstraídas e percebidas como necessidades lógicas. E, finalmente, outras que, não percebendo como sendo repetidas, são ditas como sendo o acaso, pouco importando se o são ou não, isto é, pouco importando se filosoficamente existe ou não acaso.

À medida que a psique vai se adaptando a essas condições externas, ela adquire um poder de ação. Se ela chegasse a se adaptar à totalidade das condições impostas pelas necessidades de ordem física, lógica e ao acaso, ela adquiriria um poder universal. Supondo que ela conhecesse o universo todo, que ela pudesse agir livremente em todas as esferas do real, ela teria engolido o cosmos e neste sentido deixaria de ser psique. Ela seria, por assim dizer, uma consciência, mas não mais uma psique. O que exatamente seria isso, é algo que caberia se perguntar a um teólogo. Podemos imaginar que a "psique" de Deus seria uma psique assim, isto é, uma psique onde não há mais potência. São Tomás de Aquino disse que "Deus é ato puro de ser", isto é, ato sem potência, onde nada existe como possibilidade a se realizar, tudo o que pode ser realizado está realizado. Se imaginássemos uma psique onde não há mais potência e que, sobretudo, é puro ato, esta seria a psique de Deus.

12. Consciência

Na medida em que avança o aprendizado, começa a haver a repetição da experiência. Porém, depois da repetição da experiência existe uma outra coisa mais sutil que é a *repetição potencial* da experiência; ou seja, é a recordação de uma mesma sensação, porém vivenciada agora de maneira atenuada e na ausência do estímulo que a provocou anteriormente. Como, por exemplo, uma dor e sua recordação: a recordação da dor é dolorosa, mas não tanto quanto a dor mesma; mais ainda, a dor era concomitante a uma alteração orgânica real, física e a sua recordação, não. O que caracteriza a recordação e o que a distingue da sensação é, primeiro, que ela é atenuada e, segundo, que ela ocorre na ausência do estímulo que a provocou.

Resumindo, prosseguindo o aprendizado surge, primeiro, a experiência repetida, depois, a antecipação da repetição e, a esta antecipação chamamos recordação. Assim, quanto mais sensações o indivíduo é capaz de antecipar, mais facilmente ele será capaz de prever as situações. Portanto, quanto mais memória, mais hábil será o organismo, porque antevê as situações e se prepara para elas.

Quando toda a experiência passada é comprimida num determinado momento, em vista de uma situação futura próxima, dá-se o fenômeno a que chamamos *consciência*⁴.

A consciência se transforma em *ego* na medida em que o indivíduo conta para si mesmo suas experiências passadas e age numa linha de continuidade histórica biográfica; ou seja, ele reafirma seu desejo de continuar tentando as mesmas experiências já tentadas. A diferença estará em que desta vez ele não é forçado a essas experiências por uma repetição da situação externa, mas é ele quem as procura.

Assim, na medida em que se forma essa continuidade, surge uma estrutura que também limita a psique.

13. Autolimitação da Psique e o Ego

⁴ Cf. Maurice Pradines.

Além de ser limitada pelas necessidades de ordem física, lógica e pelo acaso (necessidades externas que reconhecemos), há uma quarta limitação, que é uma autolimitação, ou seja, o sujeito é limitado pela sua própria história, tal como a contou para si mesmo. É precisamente esta autolimitação que se chama *ego*.

O ego abre para o indivíduo outra esfera de ação: a da ação social; assim, dá-se continuidade, coerência entre as ações passadas e as subseqüentes, o que permite que o indivíduo seja reconhecido pelos outros, não só pela aparência física mas como *individualidade humana*.

Então, de todo o repertório de possibilidades que tem a psique, o indivíduo amputa, corta partes imensas, e o faz em parte pelas necessidades físicas, em parte pelo padrão das necessidades lógicas e, em parte, devido ao acaso, coisas que vai aprendendo à medida que se desenvolve. Já, outra parte, o indivíduo amputa por vontade própria, por querer determinadas coisas e não outras; não interessando muito se essas escolhas são de sua livre iniciativa ou se são copiadas do exterior, interessa sim que ele persevere em algumas e em outras não. Essas coisas nas quais ele persevera são as suas escolhas e essa é a sua história.

Dr. Freud dizia que aos cinco anos a criança já tem história, isto é, o ego já está formado.

Pode-se dizer que o ego está constituído quando a história do sujeito começa a formar um conjunto e ele começa a repetir a totalidade da sua história. Determinadas experiências são tão repetitivas dentro de um ciclo amplo que o indivíduo pode prever que aquilo que lhe aconteceu vai continuar acontecendo eternamente, e que aquilo é ele. Esse momento é particularmente grave e é neste ponto preciso que se opera a seleção de que falava Arthur Janov, segundo a qual determinadas necessidades que não são atendidas são, então abandonadas. O indivíduo acredita que, se uma determinada necessidade não foi atendida até aquele momento é porque ela não existe; como, por exemplo, no caso de uma criança que quer determinado brinquedo, pede-o repetidas vezes e nunca o recebe. Esta criança, então, acaba desistindo daquele brinquedo e, no momento mesmo em que desiste, ela se identifica não com o desejo pelo brinquedo, mas com a sua falta, que passa, então, a fazer parte de sua vida, de sua história. Até aquele momento a ausência do brinquedo era como se fosse uma causalidade, uma coisa externa; mas depois de um certo momento passa a fazer parte da sua história pessoal. Enquanto for um brinquedo tudo bem, porém existem coisas muito mais importantes e até necessárias do que brinquedos; tais como oportunidade de expressão, carinho, ou mesmo, às vezes, comida e até o mais elementar respeito humano. Tudo isso pode faltar e, aos cinco anos, se consolida uma carência como parte da história desta criança; e no momento em que isso se consolidou como parte da sua história, já não adianta mais a necessidade faltante ser atendida desde o mundo exterior, porque agora não há mais o órgão para receber a coisa faltante. É como o caso, por exemplo, de alguém que ficasse 40 dias sem comer (o limite parece ser de 44 dias), em que o indivíduo perde a aptidão para comer, não adiantando-lhe dar comida. É necessário dar-lhe soro para prepará-lo, torná-lo novamente apto a comer, apto a ter aquela necessidade e, do ponto de vista psicológico, dá-se o mesmo.

O processo de formação da neurose de que fala Janov só é possível porque existe esta formação do ego, o qual funciona como uma limitação da psique, como uma autolimitação, na qual a psique, exigindo de si mesma o maior sacrifício (este mesmo de se autolimitar), adquire também o núcleo do seu poder. Só mesmo quando o poder da psique é personalizado num ego é que ela se torna realmente capaz de agir não somente no mundo físico, como um bebê, mas no mundo propriamente humano. O ego é importante pois ele dá a possibilidade do exercício de poder na esfera humana, poder que até então o indivíduo não tinha, ou, pelo menos, tinha de maneira tão difusa que é como se o poder não fosse dele.

O pensamento lógico também está presente nos animais, é como se fosse uma extensão do sentido de autopreservação orgânica, e uma certa antecipação lógica da necessidade física está presente nos animais. O animal cria uma ponte entre necessidade lógica e necessidade física, como, por exemplo, no caso do macaco que, tentando alcançar uma banana, utiliza-se de um pedaço de pau para derrubá-la; ou seja, ele constrói um modelo lógico em sua cabeça antes de pegar o pedaço de pau, e o faz não por necessidade física, mas por uma força externa que o impulsiona a isso, também não o faz por acaso, é uma conduta lógica mesmo.

O que caracteriza o homem neste sentido então, não é somente a necessidade lógica com a qual ele lida com a necessidade física e com o próprio acaso, é que o homem coere essas três formas de limitação das necessidades numa forma pessoal de autolimitação, que se chama ego. Este ego é capaz de impor à psique as mais terríveis limitações e se antecipa à quase todas as necessidades lógicas, físicas, e ao acaso, no sentido de impedir ações que vão contra o interesse de seu organismo, como, por exemplo, impedi-lo de pular do 10º andar. Se perguntarmos a alguém por que não pulou do 10º andar, ele responde: "porque não quis, porque não quero". É claro que existe a impossibilidade física de que ele saia voando por aí, mas não é ela que o impede de pular, e sim, ele mesmo, porque sabe que isso não vai dar certo. Mas, podemos perguntar: Por que ele só tem que fazer o que vai dar certo? Porque não é do seu interesse, fazer o errado, porque ele perderia a sua vida. Em suma, ele não o faz porque não quer.

Neste sentido, é curioso observar o prazer que uma criança de cinco anos sente quando começa a adquirir a capacidade de se limitar, em se negar determinadas coisas, porque, com isso, ela prova a si mesma que ela já está "grandinha".

Então, o primeiro poder do ego é sobre si mesmo e sobre a psique; na esfera animal isso é diferente pois o animal não pode aprender a síntese das necessidades.

No momento em que o ego se forma, algo fica de fora, já que o ego é uma limitação da psique. O que fica de fora, em primeiro lugar, são todos os conteúdos psíquicos que já estão no indivíduo, todos os impulsos, todas as possibilidades que tem. O indivíduo pode reprimir aqueles impulsos que conhece mas não pode reprimir aqueles que desconhece. Em segundo lugar, fica de fora também tudo aquilo que já tentou e lhe foi negado (as necessidades reprimidas no sentido de Iano). Depois, ficam de fora, também, os conteúdos rejeitados, bloqueados, dos quais fala Dr. Freud, que são aqueles conteúdos psíquicos que ameaçam a integridade daquela fortaleza nascente que já vem ao mundo cercada de inimigos por todos os lados. E, finalmente, fica de fora tudo o que o indivíduo ignora que vai lhe acontecer no futuro.

Tudo o que ele ignora diz respeito às necessidades de ordem lógica, física e do acaso e à própria psique. E é daí mesmo que surgem os diversos sentidos da palavra "inconsciente" em psicologia e psicanálise; ou seja, tudo quanto fica de fora é inconsciente, de certa maneira.

14. As Noções de Inconsciente

Esta abordagem permite deduzir, numa só noção, os vários conceitos de inconsciente. Do ponto de vista da teoria psicológica, isto não é pouca coisa, porque permite compreender a pertinência que existe no conceito de inconsciente de Adler, Jung, Freud, Reich etc..

A noção de inconsciente de Reich, por exemplo, deriva da esfera das necessidades físicas, e se forma da seguinte maneira: como já foi dito antes, a psique age através das outras causas, ou seja, transforma a necessidade física em necessidade lógica e vice-versa, assim como também transforma o acaso em necessidade lógica, estando o tempo todo lidando com esses três fatores. Uma impossibilidade casual pode ser transformada em necessidade física de uma estase muscular, quando, por exemplo, quero gritar e meu pai não deixa. Esta é uma necessidade que vem de fora, de tipo casual, não sendo nem lógica, nem física, uma vez que meu pai não é nenhuma lei impessoal, como a lei da gravidade. Então, para mim isto não tem lógica nenhuma, sendo apenas algo que me aconteceu, é uma impossibilidade casual. Porém, quando ela se repete, para evitar que a situação dolorosa venha a acontecer de novo, eu mesmo me impeço de gritar, provocando uma estase na garganta, isto é, aperto os músculos e aprendo a apertá-los sempre que vejo, segundos antes que meu pai me impedirá de fazê-lo. A partir daí o processo de contração continua funcionando por meio reflexo condicionado.

Toda a diversidade de conceitos de inconsciente existente nos livros de psicologia decorreu do fato de que todos eles foram descobertos empiricamente: o investigador tinha um certo número de fatos e rotulava-os com um nome que dava uma unidade, pelo menos aparente, àquele grupo de fenômenos. Um outro investigador observava outro grupo de fenômenos e, por

sua vez, também os rotulava com o mesmo nome. Depois de usar a mesma palavra (no caso, *inconsciente*) umas seis ou sete vezes para designar coisas diferentes, sem ligação entre si, os psicólogos divergiam uns dos outros. Porém, com esta abordagem, entende-se facilmente como é que de um único conceito, se pode deduzir logicamente, os vários tipos de inconsciente, pois esta abordagem levou ao princípio único do qual todos os conceitos a respeito, derivaram. A validade de uma teoria repousa sobretudo no potencial que ela tem de agrupar fenômenos heterogêneos, remetendo-os a um princípio de origem comum. Creio que é a primeira vez que isto foi feito.

15. Resumo e Conclusões

A psique é o princípio da liberdade humana, ou seja, é quase a tradução biológica da liberdade humana, sendo uma ilimitação de possibilidades e, como tal, ela tenta se realizar no mundo, limitando suas possibilidades, seja através da experiência obtida que a impede de fazer isto ou aquilo; ou da negação da satisfação de um desejo. Na medida em que vai se adaptando a essas limitações, ela adquire poder e, na medida em que esse poder, adquirido pela sua limitação vinda das necessidades lógicas, físicas e do acaso, vai adquirindo uma coerência temporal, forma uma história, surgindo daí, um *ego*. O momento da formação do ego é bastante traumático porque trata-se do momento em que o indivíduo fecha a sua história, assimilando como suas, determinadas limitações, que podem ter sido meramente casuais. Se, por outro lado, as limitações que um indivíduo se impôs aos cinco anos, coincidissem exatamente com as limitações individuais que ele tem, ele seria felicíssimo.

O ego é um reflexo psicológico da individualidade, é uma individualidade criada pela psique, é como se fosse um personagem que imita a individualidade. Como ele é geralmente composto de limitações copiadas do exterior, na quase totalidade dos casos, o resultado é um ego deficiente, é um traste. Sendo assim, na fase adulta é necessário haver um desmonte desse ego várias vezes a fim de se construir outro e, no caso de não se poder realizar isso sozinho, o indivíduo precisará recorrer à psicanálise, que não é outra coisa que *rescrever a história* do ego, reinterpretá-la de maneira diferente. O Dr. Juan Alfredo César Müller dizia que a psicoterapia não atua sobre a psique, mas sobre o ego; ou seja, não é a psique que adocece, mas o ego. A psicoterapia tentará criar um ajuste do ego ou com a individualidade ou com a situação externa do momento.

Já a logoterapia de Viktor Frankl se baseia em algo muito simples: aquilo que ele chama de neuroses noogênicas (que provêm de causas intelectuais ou espirituais), decorre de uma falta de sentido na existência do sujeito. A sua psicoterapia consiste em restituir a esse indivíduo, uma noção de sentido da sua própria vida. O interessante é que Frankl não fala de *sentido da vida inventado* pelo indivíduo, mas sentido da vida *encontrado* pelo indivíduo já que, como admite Viktor Frankl, o sentido da vida existe *objetivamente*.